

# Físicos, matemáticos, artistas, arquitetos e a década de 1940 em Portugal

Ilda Perez

ipsilva@fc.ul.pt

## Introdução

Como recorde em [1], neste mesmo número, conheci pessoalmente o casal Valadares no pós 25 de Abril de 1974 como amigos de longa data da minha família.

Posteriormente, como matemática, interessei-me pelo período 1935-1947 que foi sem dúvida um período único de extraordinária atividade e produção na área das ciências exatas (física e matemática) em Portugal com o lançamento de dois programas, financiados pelo Instituto para a Alta Cultura (IAC), para a recuperação do desfasamento português que se fazia sentir a nível universitário nessas áreas.

O período 1935-1947 foi também um período de extraordinária atividade no campo das artes plásticas e arquitetura, dominado por grandes projetos governamentais.

O objetivo deste artigo é apresentar alguns aspetos menos conhecidos de interações entre cientistas e artistas no Portugal corporativo e neutral dos anos 1940, de que as duas esculturas “cabeça de Manuel Valadares” da autoria de sua mulher, Maria Ramos Valadares (Figura 3 de [1]), e o, e o “busto de Maurice Fréchet” da autoria de Abel Salazar (Figura 1), ambas na Universidade de Lisboa/Museu Nacional de História Natural e da Ciência, são certamente dos testemunhos mais significativos.

Começarei por uma breve descrição do panorama político e dos dois programas científicos. Concluirei olhando para o modo como o final da 2.ª Guerra Mundial afetou de modo tão diferente a atividade que se vinha desenvolvendo quer na área das ciências exatas (matemática e física) quer nas artes plásticas/arquitetura.

## Portugal anos 1930-1940

Pelos dados do INE de 1940 (acessíveis *online*) a população portuguesa era de 7,7 milhões, a taxa de analfabetismo era de 54 %. Havia apenas 8500 alunos inscritos no ensino superior, nas Universidades de Lisboa, Coimbra e Porto. No total apenas 0,6 % da população com mais de 15 anos tinha um grau de ensino superior.

Hoje, dados do INE 2021, somos cerca 10,3 milhões de portugueses, a taxa de analfabetismo é de 3,1 %. Há 430 000 alunos

inscritos no ensino superior; 350 000 nalgum dos 31 estabelecimentos de Ensino Superior Público (Universidades e Politécnicos) e cerca de 80 000 nas 28 Universidades e Politécnicos privados. No total 20 % dos maiores de 15 anos têm um grau de ensino superior.

Em 1933 os textos instituidores do Estado Novo estavam completos: a Constituição de 1933 de inspiração nacionalista-fascista, o Estatuto do Trabalho Nacional, que estabelecia uma organização corporativa, o Acto Colonial e a Carta Orgânica do Império, e a definição e orgânica da União Nacional (o único partido autorizado).

O Estatuto do Trabalho organizava profissionais em associações - sindicatos, ordens, sociedades e associações culturais, confederações patronais etc... - mas o direito à livre associação era a tal ponto condicionado que pode dizer-se que era proibido. Os estatutos e as direções eleitas de sindicatos e sociedades eram submetidos à prévia aprovação do executivo.

Funcionários públicos tinham de assinar um documento em que garantiam “activo repúdio” por quaisquer ideologias marxistas. O decreto-lei 25317 de 13 de maio de 1935 autorizava as expulsões da função pública por qualquer perturbação da “boa ordem”. Logo em 1935, ao abrigo deste decreto, ocorreram as primeiras expulsões de universitários (Abel Salazar, Aurélio Quintanilha, Rodrigues Lapa).

Foi criada em 1930 uma polícia política – PVDE, que em 1945, se passou a chamar PIDE. Em 1936 foi criada a comissão de censura. Havia que submeter ao seu visto prévio, com objetivos de preservação da moralidade oficial, quaisquer publicações, periódicas ou não. Também nesse ano foi criado o Secretariado de Propaganda Nacional (SPN), que a partir de 1945 se passou a chamar Secretariado Nacional de Informação (SNI) e que controlava comissões de censura para todas as atividades culturais. Livros, filmes, espetáculos passaram a poder ser cortados e mesmo proibidos.

Contudo, esta década 1935-1945 que atravessa a Guerra Civil de Espanha (1936-39) e a II Guerra Mundial (1939-1945), em que Portugal se manteve neutral, foi do ponto de vista cultural muito interessante.

Com estes conflitos em pano de fundo, a pequena classe intelectual do país bipolarizou-se claramente: de um dos lados os pró-regime/pró-Franco/pró-Eixo germânico-italiano; do outro a oposição ao regime/anti-Franco ou pró- “vermelhos” / pró-ingleses e aliados. Ambos os lados cobriam um leque variado de ideias e sensibilidades políticas e no repressivo quadro político interno ainda se conseguiram confrontar entre si.

O ensino superior estava reconhecidamente distante da linha da frente, sobretudo em áreas sem tradição de investigação em Portugal, como as ciências exatas, em particular a física e a matemática. Nestas áreas embora tenhamos tido um ou outro cientista de nível internacional, a verdade é que as grandes revoluções conceptuais ocorridas desde finais do século XIX tinham sido muito pouco acompanhadas nas universidades portuguesas.

A reforma de 1911, da 1.ª República, tinha tirado a hegemonia à Universidade de Coimbra criando as Universidades de Lisboa e do Porto. Em 1930 a Universidade de Lisboa foi dividida em duas: a Universidade Técnica, ligada mais diretamente ao setor produtivo, reunindo os Institutos Superiores Técnico, de Económicas e Financeiras, de Agronomia, de Veterinária, e a Universidade “Clássica” reunindo as Faculdades de Medicina, Farmácia, Direito, Letras e Ciências.

Em 1929 foi criada uma agência financiadora de projetos pós-graduados e de estruturas de investigação: a Junta de Educação Nacional, denominada a partir de 1936 Instituto para a Alta Cultura (IAC). Este organismo teve um papel importante na atribuição de bolsas para estágios e doutoramentos no estrangeiro visando atualizar o corpo docente universitário. Financiou também os primeiros centros de investigação afetos às universidades.

### **Programas de desenvolvimento da Física e da Matemática: semelhanças e diferenças**

É neste contexto que em 1933/34 surgiu a massa crítica de jovens doutorados e ex-bolseiros do IAC, nas áreas das ciências exatas das Universidades de Lisboa, com os conhecimentos, a experiência de investigação, o entusiasmo e a ousadia necessários para tentar renovar o enquistado ensino universitário nestas áreas – o Núcleo de Matemática Física e Química [2,3].

Com o apoio de professores conceituados e do Instituto para a Alta Cultura iniciaram-se, com base na Faculdade de Ciências de Lisboa, dois programas para a modernização da escola e do país, nas áreas da Física e da Matemática.

O programa da Física foi coordenado pelo professor catedrático da Faculdade de Ciências Cyrillo Soares (1883-1950) e conduzido cientificamente por Manuel Valadares, doutorado em Paris em 1933, a que se juntou depois Aurélio Marques da Silva, doutorado em Paris em 1938 [3,4].

O programa da Matemática, foi conduzido cientificamente por António Aniceto Monteiro (1907-1980), doutorado pela Universidade de Paris em 1936, com o apoio do velho catedrático de Ciências, antigo reitor da Universidade de Lisboa, Pedro José

da Cunha (1867-1945), e a quem se juntará mais tarde o catedrático da universidade de Porto Ruy Luis Gomes (1905-1984), e desde início, numa vertente mais aplicada, o professor de Económicas Bento de Jesus Caraça (1901-1948) [2].

Adaptando às características próprias da investigação desenvolvida em cada área, e tendo o apoio do IAC, ambos os programas usaram a mesma estratégia desenvolvendo iniciativas nas quatro vertentes seguintes:

**1) investigação**, iniciando a preparação e orientação de trabalhos de investigação, mesmo antes da criação dos centros de investigação do IAC, com o objectivo de preparar alunos capazes de fazer doutoramentos em temas contemporâneos em Portugal e, com bolsas do IAC, em Universidades estrangeiras de qualidade.

**2) internacionalização** da produção científica nacional nestas áreas e acesso à produção de ponta publicada no exterior, fundando as revistas de investigação *Portugaliae Mathematica* (1937) e *Portugaliae Physica* (1943) que, por permuta, permitiriam e permitem aceder a publicações congêneres.

**3) divulgação** para atrair camadas jovens, com o lançamento de duas revistas especializadas para alunos universitários, a *Gazeta de Matemática* (1940) e a *Gazeta de Física* (1946).

**4) uma representação cultural/social** com as propostas de criação das Sociedades Portuguesas de Matemática e de Física.

Se a estratégia parece perfeita, o mais notável foi a capacidade de trabalho e o entusiasmo do reduzido número de intervenientes de ambas as áreas que a puseram em prática.

Apesar da semelhança há diferenças essenciais entre os dois programas que vale a pena referir. A maior das diferenças é o facto de, ao contrário de Manuel Valadares e Marques da Silva, António Aniceto Monteiro não ser docente da Faculdade Ciências.

Até 1942 António Monteiro coordenou todas as iniciativas do programa da Matemática, mantendo uma posição subalterna como colaborador do IAC por se recusar a assinar o papel “de repúdio ativo de atividades marxistas”. Entre 1937 e 1942 foi António Monteiro que orientou os trabalhos de investigação de alunos da Faculdade nas áreas da Análise, Análise Funcional e Topologia, no Seminário de Análise Geral que deu origem a partir de 1940 ao Centro de Estudos Matemáticos de Lisboa anexo à Faculdade de Ciências de Lisboa. Contudo, ao contrário do programa da Física, não se pode dizer que o programa da Matemática tenha sido um programa da Faculdade de Ciências [2,5,6].

Em 1942 a política de financiamento do IAC mudou radicalmente com a demissão do seu presidente, o médico/histologista Augusto Celestino da Costa, e a sua substituição por Gustavo Cordeiro Ramos, licenciado em filologia germânica. Cordeiro Ramos já fora Ministro da Instrução e ficará, entre outras coisas, conhecido pela sua admiração pelo regime nazi. Ocupará o cargo nos 22 anos seguintes.

Como consequência, António Monteiro, deixou logo em 1942 de poder continuar a trabalhar “anexo” à Faculdade de Ciências tal como todas as iniciativas do IAC que coordenava e aí estavam sediadas. Até sair do país em 1945 Monteiro integrou a convite de Ruy Luís Gomes o Centro de Estudos Matemáticos do Porto.

O programa teve assim uma continuação, mas no Porto e o papel de Ruy Luís Gomes e dos seus contactos na alta finança (António Luís Gomes, seu irmão, era diretor da Fazenda Pública) foram fulcrais para a constituição em finais de 1943 da Junta de Investigação Matemática (JIM), fundada por Ruy Luís Gomes, António Monteiro e Aureliano de Mira Fernandes. A JIM era uma entidade privada que substituiu financeiramente o IAC para a matemática.

Na Física, graças ao apoio do então professor catedrático Cyrillo Soares, Manuel Valadares e Aurélio Marques da Silva, serão contratados como docentes da Faculdade de Ciências, começando por dirigir o apetrechamento do laboratório de Física para trabalhos experimentais na área da Física Nuclear e Atómica e a orientação de trabalhos de investigação nesta área [3,7].

#### **Matemáticos, físicos, arquitetos, sociedades e sindicatos nos anos 1940**

Com a saída de António Monteiro da Faculdade de Ciências, a partir de 1943 a correspondência dirigida à revista Gazeta de Matemática (do n.º14, março de 1943 ao n.º 27, fevereiro de 1946) e a partir de 1946 à revista Portugaliae Mathematica (do volume 5, 1946 até ao volume 7, 1948) deixou de ser dirigida à Faculdade de Ciências passando a dever ser dirigida, tal como anunciado nas próprias revistas, a:

*Prof. Manuel Zaluar Nunes: Rua Serpa Pinto 17, 4.º Esq. Lisboa*



Figura 1 - Busto de Maurice Fréchet, obra de Abel Salazar. (cortesia da Universidade de Lisboa/Museu Nacional de História Natural e da Ciência)

Esta morada é a do atelier de Arquitetura de Inácio Perez Fernandez (meu tio) e de Dário Vieira. Os dois arquitetos pertenciam ao grupo de intelectuais anti-regime e cederam um gabinete aos matemáticos. De referir que Dário Vieira era irmão da então assistente de Física da Faculdade de Ciências Glaphyra Vieira.

É neste gabinete que se continuará a chamar o “gabinete do Zaluar”, mesmo depois de desocupado com a ida de Zaluar Nunes para o Brasil em 1949, que ficam as esculturas (gessos) da “cabeça de Manuel Valadares”, realizado por sua mulher, a escultora e bióloga Maria Ramos Valadares, e o “busto de Maurice Fréchet”, realizado pelo médico e artista Abel Salazar (Figura 1).

Maurice Fréchet esteve em Lisboa no início de 1942 tendo proferido várias conferências no Centro de Estudos Matemáticos de Lisboa. Foi eleito nesta ocasião o primeiro sócio honorário da recém-formada (primeira) Sociedade Portuguesa de Matemática.

Esta escultura está, pois, intimamente ligada à constituição da primeira Sociedade Portuguesa da Matemática (SPM). Digo primeira porque, embora a primeira direção eleita tivesse à frente dois respeitadores matemáticos, o Prof. Pedro José da Cunha (Presidente da direção) e o Prof. Aureliano de Mira Fernandes (Presidente da Mesa da Assembleia Geral) e a lista de sócios fundadores contivesse nomes pró e contra o regime, a verdade é que os seus estatutos não puderam ser registados. A SPM só teve existência legal a partir de 1977. Contudo, mesmo depois de 1977, continuou a considerar-se a data de 12 de Dezembro de 1940, data da primeira assembleia geral, como data da sua fundação.

Os físicos, tinham resolvido a questão da representação social em 1926 ao integrarem a Sociedade Portuguesa de Química que se passou a chamar a partir daí Sociedade Portuguesa de Física e Química. Dias antes do 25 de Abril de 1974 esta última Sociedade separou-se nas atuais Sociedades Portuguesas de Química e de Física. Estas duas Sociedades e a Sociedade Portuguesa de Matemática tiveram sede durante anos no 3º andar do belo edifício n.º 37 da Av. República.

Vale a pena referir que a importância da formação das Sociedades era não só a de facilitar o intercâmbio de ideias entre os sócios (não havia liberdade de reunião), mas também poder funcionar como grupo de pressão, por exemplo, para alteração dos currícula universitários. Um exemplo deste papel de pressão é o caso da Sociedade dos Arquitetos Portugueses que existia desde 1902 e que foi conseguindo introduzir na Escola de Belas Artes de Lisboa cadeiras técnicas para uma licenciatura em Arquitetura. Aliadas estas mudanças à importância que adquirem com obras realizadas no período 1925-33, os arquitetos propõem-se fundar logo em 1934 a ordem dos arquitetos, o que também não foi autorizado [8]. É o Sindicato Nacional dos Arquitetos que, de 1934 a 1976, representará os arquitetos.

Na altura, a grande vantagem das ordens face aos sindicatos, no Estatuto do Trabalho de 1933, era o facto de as ordens poderem não ficar submetidas aos condicionamentos políticos do Ministério das Corporações.

Ao contrário do que sucedeu nas Ciências exatas onde a evolução do período 35-45 é marcada pelos dois programas que acabamos de descrever liderados cientificamente por uma nova geração de doutorados, na sua maioria anti-regime, muito em particular por Manuel Valadares na Física e António Monteiro na Matemática, o panorama nacional nas Artes Plásticas e na Arquitetura desenvolveu-se sobretudo em torno de grandes projetos governamentais, liderados por duas figuras do regime, também de excepcional qualidade: o engenheiro Duarte Pacheco (1900-1943) e o jornalista António Ferro (1895-1956).

Duarte Pacheco, como Ministro de Obras Públicas e Comunicações iniciou o estudo e projeto de infraestruturas essenciais à modernização do país. Como Presidente da Câmara de Lisboa e Presidente do Instituto Superior Técnico mobilizou engenheiros e arquitetos para a ampliação e desenho de uma capital urbanisticamente e arquitetonicamente modernista. Trabalhou desde os anos 1920 especialmente com o arquiteto Porfírio Pardal Monteiro (1897-1957). São edifícios emblemáticos dessa colaboração, e ainda hoje da cidade, as estações marítimas de Alcântara e da Rocha Conde de Óbidos, estação ferroviária do Cais do Sodré, Instituto Superior Técnico e Instituto Nacional de Estatística, Universidade de Lisboa. O arquiteto Raul Lino teorizou em várias publicações uma visão tradicionalista de “casa portuguesa” que inspirou modelos de construções escolares, estações de CTT, moradias de bairros sociais, num estilo que ficou conhecido por “estilo português suave” e de que, numa escala mais monumental, o Areeiro de Cristino da Silva é também um bom exemplo.

Por seu lado, António Ferro, também um defensor do modernismo de inspiração nacionalista, à frente do Secretariado de Propaganda Nacional (SPN) conseguiu mobilizar o meio artístico nacional para as participações de Portugal em Exposições in-

ternacionais e com o Arquiteto Cottinelli Telmo para as grandes comemorações em 1940 dos centenários da Fundação (1140) e da Restauração (1640) da Nacionalidade, que incluíam também no comissariado o cenógrafo e realizador José Leitão de Barros [9].

As exposições anuais de Arte Moderna do SPN, até 1945, tiveram uma grande participação e competiram em modernismo com a maioria das da Sociedade Nacional de Belas Artes. Contudo nem neo-realismos, nem surrealismos, nem abstracionismos cabiam nos Salões de arte moderna do SPN, irreverência sim, mas equilibrada e controlada!

O surrealista António Pedro (1909-1966) abriu a primeira galeria independente – galeria UP – em Lisboa em 1933. Foi na galeria UP que a pintora M<sup>a</sup> Helena Vieira da Silva (1908-1992) expôs pela primeira vez em Portugal em 1936 [10]. Com o início da guerra Vieira da Silva e o marido Arpad Szènes, judeu de origem húngara, saíram de Paris e vieram viver na casa de Lisboa a partir de 1939. O casal acabou por seguir para o Rio Janeiro logo em 1940, após lhes ter sido negada a cidadania portuguesa. M. H. Vieira da Silva é um nome relevante da pintura do século XX. O casal obteve a nacionalidade francesa em 1956.

#### O fim da guerra, o MUD, as expulsões e o seu impacto

O fim da guerra com a vitória dos aliados trouxe esperança à oposição ao regime que se uniu e se organizou em 1945 no Movimento de Unidade Democrática (MUD) para derrubar o regime em eleições livres anunciadas para 1948. O Governo, receoso da amplitude do Movimento, exigiu a apresentação preliminar das listas de apoiantes e candidatos e acabou por ilegalizar o movimento ainda em 1946.

Ingenuamente algumas dessas listas foram entregues, seguindo-se prisões e perseguições políticas e as expulsões da Universidade e da Função Pública de seus subscritores.



Figura 2 - Faculdade de Ciências de Lisboa, 1942. Da esquerda para a direita: Hugo Ribeiro, Armando Gibert, António Monteiro, Zaluar Nunes, Bento Caraça, Maurice Fréchet, José Sebastião e Silva, Ruy Luis Gomes, José Ribeiro de Albuquerque, Augusto Sá da Costa. Foto gentilmente cedida por M. Pilar Ribeiro para [2].

Em 1946 (Ministro da Educação José Caeiro da Mata) foram demitidos os professores universitários: Bento de Jesus Caraça e Mário de Azevedo Gomes. Em 1947, por resolução do Conselho de Ministros, publicada no Diário do Governo de 18 de junho de 1947 (consultável online) foram demitidos 11 oficiais das Forças Armadas e 21 professores universitários (Ministro da Educação Fernando Pires de Lima). Recorde-se que os funcionários atingidos por estas expulsões deveriam cessar de imediato quaisquer outras funções públicas.

Na lista de 21 professores expulsos estavam 6 catedráticos da Faculdade de Medicina, incluindo o Prof. Celestino da Costa. Na Faculdade de Ciências foram expulsos 5 professores, 3 deles os físicos: Manuel Valadares, Aurélio Marques da Silva e Armando Gibert.

Manuel Valadares seguiu, logo em 1947, para Paris onde prosseguiu no CNRS a carreira científica. Aurélio Marques da Silva, que também era Engenheiro Civil, continuou a viver em Portugal, mas como profissional liberal. Armando Gibert, bolseiro do IAC, doutorado em Zurique em 1946 não viu o doutoramento reconhecido nem rejeitado e saiu definitivamente da vida académica. Foi o fundador, em 1946, da Gazeta de Física.

Na sequência destas demissões, o Professor Cyrillo Soares, depois da recusa do Conselho Escolar da Faculdade de Ciências de sair em defesa dos seus docentes expulsos, demitiu-se. A Faculdade convidou o físico espanhol Júlio Palácios, especialista em eletroquímica, para ocupar o lugar deixado vago por Cyrillo Soares. A investigação em Física atómica e nuclear passou para segundo plano [3,4,6,7,11].

O Programa da Matemática na Faculdade de Ciências acabou com a ida de António Monteiro para o Porto. Logo em 1942 a Faculdade de Ciências de Lisboa contratou, José Vicente Gonçalves, catedrático de Coimbra, um sólido analista e historiador de Matemática [6].

António Monteiro tinha partido em 1945 para o Brasil, como catedrático convidado da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Contudo 7 dos professores expulsos em 1946 e 1947 de Agronomia, de Económicas e do IST estavam ligados ao chamado Movimento Matemático, que incluía um programa mais aplicado, liderado por Bento de Jesus Caraça em Económicas e com ligações, talvez mais evidentes, ao PCP. O próprio Ruy Luis Gomes, preso pela PVDE diversas vezes desde 1945, foi concorrente pelo PCP às eleições presidenciais de 1952 [12,13]. Até meados da década de 1950 a grande maioria destes docentes universitários, dos recém-doutorados do IAC, e dos alunos de doutoramento, de Lisboa e do Porto foi saindo do país, tendo um papel reconhecido na fundação da escola de matemática da Universidade do Recife (Brasil) e na de Bahia Blanca (Argentina). Hugo Baptista Ribeiro, bolseiro do IAC, doutorado em Zurique em 1946, seguiu logo em 1947 para os USA onde prosseguiu carreira de Professor Universitário.

Foi neste contexto que a Junta de Investigação Matemática teve importância como agência financiadora privada, antes do aparecimento da Fundação Calouste Gulbenkian.

Dos jovens doutorados ou estudantes de doutoramento dos programas de Matemática e Física da Faculdade de Ciências permaneceram na Universidade: a física Lídia Salgueiro (1917-2011), doutorada em Física em 1945, sob orientação de Manuel Valadares, que continuou e expandiu na Faculdade de Ciências a investigação experimental em física atómica [14]; os matemáticos Sebastião e Silva (1914-1972) e José Ribeiro de Albuquerque (1910-1991), ambos bolseiros do IAC em Itália na década de 1940. Ambos na Figura 2. José Sebastião e Silva concluiu o (segundo) doutoramento na Faculdade de Ciências em 1949 e prosseguiu carreira universitária em Lisboa (Agronomia e Faculdade de Ciências). É o matemático da sua geração com impacto internacional e que, sobretudo a partir da década de 1960, teve um papel importante na formação de novas gerações de matemáticos [15]. José Ribeiro de Albuquerque foi professor de Matemática em Económicas [16].

Vale a pena olhar agora para o modo, muito diferente, como o fim da guerra afetou as artes plásticas e a arquitetura.

### **O fim da guerra nas Belas Artes e Arquitetura**

Em 1945 o SPN de António Ferro passou ao SNI (Secretaria Nacional de Informação, Turismo e Arte Popular) de Oliveira Salazar que Ferro ainda dirigiu, mas de onde saiu em 1949. A censura apertou!

No MUD, logo em 1945, formou-se uma plataforma de intelectuais artistas/escritores/jornalistas – CEJAD (Comissão de Escritores, Jornalistas e Artistas Democráticos), que conseguiu aproveitar a estreita janela em que o regime ainda tinha que parecer democrático para tomar conta da Sociedade Nacional de Belas Artes nas eleições que se realizavam logo em 1946. Como o conseguiram?

Nos meses anteriores às eleições inscreveram-se “em massa” na Sociedade artistas e finalistas de Belas Artes. Constituíram uma lista inatacável para concorrer às eleições em que o presidente era o velho mestre Conceição Silva (1869 - 1958), então o sócio nº1 e um dos fundadores da Sociedade Nacional de Belas Artes em 1901. Na assembleia geral desse ano, extraordinariamente participada, a lista ganhou! Nesse mesmo ano realizou-se a primeira Exposição Geral de Artes Plásticas com uma participação notável. Estas exposições anuais mantiveram-se até 1956, esvaziando por completo as exposições de Arte Moderna do SPN/SNI que acabaram em 1951.

Na 2.<sup>a</sup> destas Exposições Gerais de Artes Plásticas, a de 1947, a polícia entrou por ordem do Ministério do Interior e apreendeu diversos quadros; de Júlio Pomar, Maria Keil, Mário Dionísio, entre outros (ver pormenores em [17]).

Ficou célebre a maior e mais participada, a 3.<sup>a</sup> Exposição Geral de Artes Plásticas em 1948, que incluía pela primeira vez um grupo de surrealistas e também vários arquitetos. Recorde-se que o Sindicato dos Arquitetos tinha a sede na SNBA. A exposição foi visada pela censura pouco antes da abertura. O grupo dos surrealistas recusou-se a passar pela censura, e optou por retirar antes os trabalhos.

O ano de 1948 foi também o ano de viragem na arquitetura, com a realização do 1.º Congresso Nacional de Arquitetura. No Congresso, pela primeira vez reuniram-se, apresentaram e debateram ideias arquitetos do Norte e do Sul. Como se lê em [18]:

<< O Congresso de 1948 é a vitória dos ideais racionalistas sobre a geração anterior, conivente com o Estado Novo e acusada de academismo. É a defesa do planeamento urbanístico, da prioridade dos programas de habitação social e da sua tradução em soluções de habitação colectiva, por oposição à política salazarista de bairros “sociais” e casas individuais. É a luta contra a especulação fundiária e a defesa da apropriação colectiva do solo; da industrialização da construção. É também a reforma do ensino da Arquitetura, mas é, sobretudo a defesa da organização de classe dos arquitetos face aos abusos de poder. Estes princípios gerais delineavam uma estratégia que a classe dos arquitetos iria prosseguir com tenacidade e iriam abrir caminho à geração nascida nos aos 10-20, que dominaria o panorama da produção arquitetónica na década seguinte.>>

Nesse mesmo ano o sindicato dos Arquitetos, até aí sempre presidido por Pardal Monteiro ou Cotinnelli Telmo, sempre com apelos à maior participação dos sócios, elegeu numa das assembleias gerais mais concorridas de sempre uma direção constituída pelos mais jovens Francisco Keil do Amaral (presidente), Inácio Perez Fernandez, Dário Vieira e João Simões. Pouco depois de ter tomado posse como presidente do sindicato, por despacho do Secretário de Estado das Corporações e Previdência Social foi retirada a Keil do Amaral a sanção oficial para exercício do cargo. Após demissão coletiva da direção I. Perez Fernandez manter-se-á como presidente na direção 1950-53. [8]

### Observações finais

Estes episódios demonstram bem a opressão e a repressão que marcaram o desenvolvimento cultural durante o Estado Novo. Não se vivem 40 anos de Estado Novo, sem sequelas. Mesmo 50 anos depois do 25 de Abril de 1974 elas ainda aparecem...

Em 1954, J. Robert Oppenheimer, já depois de demitido da Comissão Atómica dos E.U.A., fazia uma conferência para os 200 anos da Universidade de Columbia com o título “Prospects in the Arts and Sciences”. Nessa conferência salientava o papel das universidades como catalisadores de contactos entre cientistas e artistas, numa era em que a globalização, característica do século XX, punha novos desafios descritos assim[19]:

<< This balance, this perpetual, precarious, impossible balance between the infinitely open and the intimate – this time, the XX century – has been long in coming; but it has come. It is, I think, for us and our children, our only way.

This is for all men. For the artist and for the scientist there is a special problem and a special hope, for in their extraordinary different ways, in their lives that have increasingly different character, there is still a sensed bond, a sensed analogy. Both the man of science and the man of arts live always at the edge of mystery, surrounded by it; both always as the measure of their creation, have had to do with the harmonization of what is new with what

is familiar, with the balance between novelty and synthesis, with the struggle to make partial order in total chaos. They can in their work and in their lives, help themselves, help one another, and help all men. >>

Penso que 50 anos depois do 25 de Abril de 1974 o sistema Universitário Português é um sistema cada vez mais aberto, forte e participativo a nível internacional, apostado na boa preparação para os desafios do futuro da juventude criadora deste país. Sem saudades do Estado Novo!

### Referências

- [1] Ilda Perez, "Recordando o casal Valadares", neste número.
- [2] Ilda Perez, João Mário Mascarenhas, Movimento Matemático 1937-1947, edição Biblioteca Museu República e Resistência/SPM, Lisboa 1997.
- [3] Julia Gaspar, A investigação no Laboratório de Física da Universidade de Lisboa (1929-1947), CIUHCT 2009.
- [4] Manuel Valadares, O Laboratório de Física da Faculdade de Ciências de Lisboa, sob a direcção do Prof. Dr. A. Cyrillo Soares (1930-1947), e a investigação científica, Gazeta de Física Vol. 2 Fasc. 4 (1950), 93-106.
- [5] Ilda Perez, António Monteiro e um relatório de 1939 do Instituto de Alta Cultura, Boletim da SPM, 68 (2013), 137-150.
- [6] Ana Simões et al., Uma História da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa (1911-1974), FCUL 2013.
- [7] Lidia Salgueiro, Vida e Obra de Manuel Valadares, Gazeta de Física VI (1978), Vol.6 (1978), Fasc.1, 2-12.
- [8] Ana Isabel de Melo Ribeiro, Arquitectos portugueses: 90 anos de vida associativa 1863-1953, FAUP editores, Porto 2002.
- [9] Margarida Acciaiuoli, Exposições do Estado Novo 1934-1940, Livros Horizonte 1998.
- [10] José-Augusto França, A Arte e a sociedade Portuguesa no Século XX, Livros Horizonte 1972.
- [11] Lidia Salgueiro, Armando Gibert, Gazeta de Física 8 (1) (1985), 124-125.
- [12] J.Rezende, L.Monteiro, A.Amaral, António Aniceto Monteiro, uma fotobiografia a várias vozes, SPM 2007.
- [13] Nátalia Bebiano, Ruy Luis Gomes, uma fotobiografia, UPorto/Gradiva 2005.
- [14] Luisa Carvalho, Evocando a figura de Lúcia Salgueiro, Gazeta de Física 32(4) (2009), 23-29.
- [15] José Campos Ferreira, José Sebastião e Silva, testemunho de um discípulo, in Homenagem a Sebastião e Silva, Actas do Colóquio realizado a 12 de Dezembro de 1997 na Torre do Tombo, ed. Dep. de Matemática da FCUL, 1997, pp. 20-32.
- [16] Rui R de Albuquerque, José R de Albuquerque, Gazeta de Matemática 163(2011), 40-46.
- [17] Eupremio Scarpa, texto com ilustrações do espólio de Mário Dionísio para a exposição “Um grande comício sem palavras – a partir da 2ª EGAP”, Casa da Achada, 2017. [https://www.centromariodionisio.org/Imagens\\_historial/expgap.pdf](https://www.centromariodionisio.org/Imagens_historial/expgap.pdf)
- [18] Fernando Pernes (coord.), Panorama da Arte Portuguesa no Século XX, Fundação de Serralves/Campo de Letras 1999.
- [19] J. Robert Oppenheimer, The Open Mind, Simon and Schuster, Inc, 1955.



Ilda Perez, matemática, professora universitária da FCUL aposentada